

Sem aplicações na Bolsa, classes C e D sentem efeitos da turbulência, principalmente no crédito

(Rachel Vita)

Rio - Em maio do ano passado, Renan Bezoni, 51 anos, fazia parte de um exército de brasileiros disputados pelo mercado por ter mais dinheiro no bolso para gastar com a estabilidade da economia. Quase um ano e meio depois e uma crise mundial no caminho, Renan, que foi citado na época, em reportagem de O DIA sobre a ascensão das classes C e D, sente os efeitos da mudança no cenário. Parou de comprar novos bens e a empresa onde trabalha, em razão da crise, demitiu oito pessoas, contratadas em 2007. Já a aposentada Josefa Rodriguez Esteves Figueiredo, 52, não se assusta com a tsunami financeira. “Se a crise elevar os preços dos alimentos, vou rever minha lista de compras”, disse.

Responsáveis pelo incremento nas vendas de diversos setores com a economia aquecida, as classes C e D ainda não foram atingidas em cheio, mas começam a sentir as conseqüências. Seja apenas pela preocupação com os efeitos da turbulência no País ou por ter menos dinheiro para o consumo.

O resultado é o impacto no comércio. A Associação Comercial do Rio revisou para baixo as previsões de compras para o fim do ano. “Vai ser positivo. Mas esperávamos aumento de 12% a 13%. Deve ficar entre 5% a 7%”, diz Aldo Gonçalves, presidente do Clube dos Diretores Lojistas (CDL).

No setor imobiliário, o vice-presidente da Associação das Empresas do Mercado Imobiliário (Ademi), Paulo Fabbriani, diz que o mercado sentiu a retração dos compradores das classes C e D, responsáveis por metade desse segmento.

Com a crise, houve limitação no crédito e as taxas de juros subiram. Os economistas divergem sobre o efeito na economia real. Marcelo Neri, chefe do Centro de Políticas Sociais da Fundação Getúlio Vargas (FGV), diz que ainda é cedo para dizer se a crise chegou até as classes C e D, assim como o economista e professor da PUC, Luiz Roberto Cunha. Mas para o professor de Finanças do Ibmec-SP, Domingos Pandeló, o crédito escasso foi o primeiro efeito da crise para esse segmento. “O primeiro sinal de que a crise pode chegar a essas classes é a desaceleração na criação de vagas de trabalho em outubro. Mas foi em um único mês. Não dá para dizer que é uma tendência”, avalia Neri.

Plano de emergência para proteger o bolso

A cabeleireira Célia Castro, 56 anos, preparou um plano de emergência para enfrentar a crise financeira internacional. Com a redução de 40% no movimento, ela mudou radicalmente os hábitos: abandonou o cartão de crédito, paga as contas só à vista e compra apenas produtos essenciais. Nada de supérfluos, nem no Natal. Com quatro filhas adolescentes, ela tenta ainda convencer a família a economizar energia elétrica, gás, água e telefone.

“É hora de poupar mais para pagar as contas”. A psicóloga Maria Edwiges Lara, 48, resolveu adiar até a compra de um imóvel. “Estou fazendo uma ginástica econômica para que as despesas não ultrapassem o orçamento da família. Produtos supérfluos ficam fora da nossa lista”, afirma.

A aposentada Josefa Figueiredo, 52, manteve os mesmos hábitos. E a dona-de-casa Zilda Campos, 69, criou estratégia para enfrentar a crise: “Não adianta ficar nervosa. A saída é pesquisar preços e não usar cartão de crédito para evitar dívidas”.

Para muita gente, o Natal vai ser menos gordo. Alguns setores começam a lucrar com isso. Na Saara, segundo o presidente Ênio Bittencourt, a crise não chegou. “Ao contrário. Estamos pegando carona e aumentando o faturamento com os produtos mais em conta”, diz. Os comerciantes tentam segurar os preços com a alta do dólar, já que muitos produtos vêm da China.

TURBULÊNCIA: O IMPACTO

EMPREGO

Luiz Roberto Cunha, da PUC, acredita que a crise não afeta a vida das classes C e D. “O Natal não vai ser tão bom, mas sem pessimismo. Mas no fim do primeiro trimestre de 2009 essas classes vão começar a ser afetadas via emprego. Postos de trabalho vão crescer menos”, acredita Cunha.

IMPACTO MENOR

O economista da PUC acredita, no entanto, que o governo, por meio de programas de transferências de renda, pode preservar a classe D da crise.

DÍVIDAS

Domingos Pandeló, do Ibmecc, sugere que no fim de ano as dívidas sejam pagas com o 13º: “O crédito está mais difícil e os juros mais altos”.

AMORTECEDOR

Para Marcelo Neri, da FGV, o impacto da crise no Brasil, por ter alguns “amortecedores”, vai ser menor com relação ao resto do mundo. “As classes A e B aqui sofrem mais do que a C e D”.

Fonte: O Dia